

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 27 DE SETEMBRO DE 2001

Meu caro Ministro José Sarney Filho; Ministro Raul Jungmann; Ministro Pedro Augusto Sanguinetti Ferreira; Senhoras e Senhores,

O Ministro José Sarney Filho começou o seu discurso falando, apropriadamente, da situação específica sobre a qual nós estamos aqui reunidos, hoje, para comemorar mais uma Semana da Árvore, que, infelizmente, não é uma situação de calma nem de tranquilidade no mundo.

Mas ele colocou, de maneira muito apropriada, essas grandes questões internacionais, inclusive ao fazer referência às decisões da União Européia. E, quando ele estava falando, eu pensei: “Será que vai virar Chanceler?” Pois, de modo tão equilibrado, tão ponderado, tão correto o Ministro colocou essas questões.

É verdade. Nenhum ser humano, hoje, pode, mesmo numa comemoração, como é o caso da Semana da Árvore, deixar de fazer referência às aflições, às angústias que perpassam os vários continentes, as várias culturas, as várias religiões, as várias sociedades.

Mas o que nos anima é, precisamente, o espírito com o qual nós estamos, hoje, trabalhando nessa questão do meio ambiente. Porque se, ao mesmo tempo, existem desafios tão grandes, na ordem internacional, tantas assimetrias conhecidas, assinaladas, repetidas, existe, também, precisamente nesses momentos mais agônicos, um despertar de consciência. E, nesse despertar de consciência, a expressão “desenvolvimento sustentado”, o conceito, as palavras “meio ambiente” e “paz” vêm juntos, vêm ao mesmo tempo, o que mostra que, a despeito das dificuldades, nós, quem sabe, possamos aproveitá-las para um passo adiante.

Dificuldades nunca faltaram a nós aqui, no Brasil. Nos últimos anos, desde que assumi a Presidência, esta é a 6ª grande crise que nos corresponde enfrentar: em 95, foi a do México; em 97, a da Ásia; em 98, a da Rússia; em 99, a brasileira; no ano seguinte, a da Argentina; agora, a mundial.

E, a despeito disso, nós avançamos. Apraz-nos reconhecer que esse avanço, no campo específico do meio ambiente, foi muito grande e se deve muito à disposição do Ministro Sarney e à cooperação de todos aqueles que trabalham com ele, muitos dos quais aqui presentes; à capacidade de uma gestão que sabe que, sozinha, não pode fazer nada e que precisa haver uma integração entre os vários setores do Governo.

Mas o fato é que o próprio discurso do Ministro Sarney nos mostra o quanto nós caminhamos, a despeito de todas essas crises. Assim, quem sabe, o mundo também possa, a despeito dessa imensa crise a qual estamos atravessando, o mundo talvez possa, também, não apenas ultrapassá-la, mas sair melhor dela.

A condição, o Ministro já mencionou qual é: de não perdermos nunca a confiança na liberdade, na democracia, nos direitos civis, no respeito à opinião alheia. Enfim, que nada, nada mesmo, seja feito sem que se tomem em consideração as conseqüências, sob todos esses aspectos que são fundamentais para que a civilização possa ser digna desse nome de civilização.

Assim tem sido feito na questão do meio ambiente no Brasil. Apraz-me dizer isso. Eu ando muito pelo Brasil. Vou muito a inaugu-

ração de obras, obras que se iniciam, a todo instante, estando eu presente ou não. A todo instante. Ainda agora, o Ministro da Integração Nacional me disse que vai para o Piauí, por causa de Salinas, que é uma represa que estamos fazendo lá no Piauí.

O que me apraz é ver que, em todas elas, seja uma hidrelétrica, seja uma barragem, seja um açude, seja uma estrada, seja a construção de alguma coisa mais imponente, em todas há sempre a preocupação com o meio ambiente. Há sempre a preocupação com a pergunta sobre quais vão ser os efeitos dessa modificação que se está introduzindo sobre o conjunto do meio ambiente.

Isso é uma mentalidade nova, que, evidentemente, não começou ontem, é antiga, mas que foi precipitada pela Conferência de 92, a Conferência do Rio e que não perdeu, pelo menos no Brasil, o entusiasmo. Agora, ao ver-se aqui esse desfiar de zonas de proteção, de novas iniciativas, vê-se que há uma grande continuidade nisso, eu acho que isso é importante.

Nós, de toda maneira, repito, a despeito das dificuldades, conseguimos avançar. Se nós compararmos as queimadas, por exemplo: no ano 2000, foram 25% menores que em 1999. E assim há de ser, porque nos organizamos. Está perfeito? Não. Não está. É quase impossível, em um país tão vasto como o Brasil, evitar que haja, num ponto ou noutro, uma queimada. Mas o que não é impossível é estar-se alerta e tentar coibir a ação desordenada e, mesmo quando seja casual, coibir os efeitos negativos das queimadas sobre o clima. Avançamos nessa matéria.

Há alguns anos, o Pantanal era alguma coisa falada, pouco conhecida e praticamente o Brasil vivia de costas para o Pantanal. Hoje, não é assim. Hoje o Pantanal é Patrimônio da Humanidade. Mas tão importante quanto isso é que nós, hoje, já firmamos com o Banco Interamericano de Desenvolvimento contratos de financiamento para preservar o Pantanal. E o Governo Federal assumiu a responsabilidade desta matéria, porque, obviamente, os Estados do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul não teriam condições de enfrentar

um desafio desse porte. E isso significa saneamento básico. Isso significa um cuidado específico com essa região do Pantanal.

O Ministro mencionou quantos biomas estão sendo cuidados no Brasil e quantos mais vamos precisar cuidar. É inegável que houve avanços. Talvez o avanço mais significativo tenha sido o da ação do Brasil no que diz respeito à questão da Convenção sobre o Clima. É um ponto, realmente, marcante. É marcante desde a Conferência de Kioto, mas foi marcante também em Bonn. Acompanhei esses dois eventos, estando no Brasil, pelo telefone. Na Conferência de Kioto, conversei com o Presidente Bill Clinton duas vezes, e com os nossos representantes lá, inúmeras vezes. De novo, agora, em Bonn, com o Ministro Ronaldo Sardenberg, inúmeras vezes.

O Brasil, realmente, mostrou que tinha capacidade de liderar, num sentido positivo, o mais positivo possível, porque entende o ponto de vista dos vários atores, fatores e setores envolvidos no processo. E nos dispomos, sempre, a estabelecer uma ponte, a buscar uma saída, a ver um caminho e não ficar, simplesmente, bloqueando porque não está de acordo. É melhor dar algum passo do que não dar passo algum. Fizemos isso em Bonn. E, hoje, isso é reconhecido.

Acho que esta luta pela questão do Tratado de Kioto, pela Convenção do Clima, pela implementação das conseqüências daquele mecanismo de desenvolvimento limpo é uma luta fundamental para a humanidade. E vai ser tanto mais fundamental quanto os fatores de desagregação do meio ambiente estão aumentando.

Agora, fala-se, até com uma naturalidade revoltante, em guerra bacteriológica, em guerra química. São coisas terríveis. Pensar-se-ia, há pouco tempo, que estariam banidas depois do fim da chamada Guerra Fria, banidas da nossa memória. Mas não. Está muito viva aí. Ainda hoje, nas televisões, está-se vendo a preocupação dos Estados Unidos e até técnicas de treinamento para evitar as conseqüências negativas desse tipo de guerra.

Esse é o mundo que enfrentamos, que é um mundo que, ao mesmo tempo, desafia e dá alguma solução. Ele envolve uma rápida modernização e volta atrás, muitas vezes, em valores fundamentais.

Antes de vir para cá, falei pelo telefone com uma comunidade rural que está a algumas dezenas de quilômetros de Humaitá, no Amazonas. O Prefeito de Humaitá teve a gentileza de me telefonar da comunidade rural porque eles estavam eufóricos, pois, pela primeira vez, tinham um telefone e podiam falar pelo telefone, lá, no meio da Amazônia. É um passo adiante. Ao mesmo tempo, quantos passos temos que evitar que sejam dados para trás, com a destruição da Amazônia?

É da dialética da humanidade existir possibilidades de avanço, alguns recursos. Mas também é fundamental no ser humano o poder antecipar-se. Talvez seja essa a maior distinção do ser humano com o resto da natureza: é que temos a imaginação e a capacidade de prever, antecipar alguma coisa e, portanto, tentar mudar o rumo das coisas. Não somos natureza, nesse sentido. Somos cultura, nesse sentido. Parte da natureza, mas que tem algo específico que só o ser humano dispõe e tem.

Pois bem, é o que temos tentado fazer na questão do meio ambiente. Apraz-me dizer que conseguimos organizar a ANA, a Agência Nacional de Águas – Doutor Jerson Kelman está aqui presente –, que é um passo fundamental para que possamos disciplinar o uso da água; para que, amanhã ou depois, não nos aconteça o que aconteceu com a energia, que está ligada à água, mas no sentido mais profundo, da água para beber e da água até mesmo para plantar. É fundamental que prestemos atenção às bacias, esse esforço, agora, do rio São Francisco, essa cooperação na qual o Ministério do Meio Ambiente pegou 40 milhões, dos 70 milhões da Integração Nacional. É fundamental esse tipo de cooperação para que possamos, efetivamente, avançar na questão de cuidar das nossas bacias de uma maneira apropriada, revitalizando os nossos rios. Acho que a criação da ANA foi muito importante.

Temos também a nossa Agenda 21 nacional, que é um marco de referência que permite que, progressivamente, não apenas tenhamos uma maior noção do que vai acontecer, mas tenhamos capacidade também de nos organizar para que não aconteça. Foi assim que, em

98, criamos a lei contra os ditos crimes ambientais. É assim que, agora, no Congresso, estamos discutindo o Código Florestal. E eu já reafirmei uma porção de vezes: façam o que fizerem, vai ficar como nós queremos, porque o Brasil quer isso. Obrigado. Vê-se que se quer mesmo.

Vê-se que se deseja, realmente, que haja uma preocupação muito grande com o meio ambiente. Os interesses são importantes, mas temos que discipliná-los à luz do interesse maior, que é o da continuidade da humanidade, preservando-se o meio ambiente.

Pois bem, e não foi só nessa matéria. Também em matérias afins. Aqui está o Presidente do Incra. Aqui estão pessoas que têm noção do que está acontecendo na Funai. Conseguimos regularizar 32 milhões de hectares de terras indígenas – isso corresponde, mais ou menos, a quatro ou cinco vezes a Áustria – durante seis anos, neste Governo. Isso é mais do que jamais se fez, em toda a história do Brasil: 32 milhões de terras indígenas foram demarcadas e homologadas. Isso tem a ver com o meio ambiente, tem a ver diretamente com a preservação das condições de reprodução das culturas, do ser humano, de condições mais apropriadas para eles.

Portanto, não quero cansá-los. O Ministro já disse o que havia de fundamental nesta área. Mas eu queria, simplesmente, ao mencionar alguns desses processos que estão em marcha, simplesmente dizer que, a despeito de tudo, continuamos avançando. E temos que ter esta convicção, muito profunda, muito serena, porque as dificuldades são imensas a serem enfrentadas, mas temos que ter a convicção de que, se há riscos, há também uma vontade imensa de preservar o Pantanal, de preservar a Mata Atlântica, de preservar o Cerrado, de preservar a Caatinga, a Amazônia. Hoje, eu diria que isso faz parte do modo de ser dos brasileiros.

Creio que a maior contribuição que podemos dar, neste dia de hoje, é dizer – é reafirmar, não é dizer –, é reafirmar que, para nós, meio ambiente não é alguma coisa que se coloca como para embelezar um conjunto de projetos de governo, como foi muitas vezes. Eu diria que faz parte do cerne mesmo de uma sociedade que se quer

moderna, mas entendendo por moderna o respeito à natureza e o respeito à convivência pacífica entre aqueles que desfrutam das be-
nesses da natureza.

Tomara o Brasil possa prosseguir – e prosseguirá – em paz, en-
frentando dificuldades, mas não perdendo o rumo. Podem ter certa-
za: enquanto eu for Presidente, enquanto o Ministro Sarney estiver
lá, enquanto todos vocês estiverem colaborando, enquanto o Brasil
estiver sustentando essas idéias, podemos, sim, dizer: temos o que
comemorar na Semana da Árvore. Vamos continuar lutando por um
Brasil melhor.

Muito obrigado.